

Dossiê Temático

**Educação, políticas públicas,
processos formativos e
direito à diferença**

Pablo Cardozo Rocon (org.)

Universidade Federal de Mato Grosso

Alexsandro Rodrigues (org.)

Universidade Federal do Espírito Santo

Marcio Caetano (org.)

Universidade Federal de Pelotas

RODRIGUES, Alexsandro; CAETANO, Marcio; ROCON, Pablo Cardozo. **Ouvindo vozes que vêm de longe e no entre: seguimos acriancando a educação, as políticas públicas, os processos formativos e o direito à diferença (Apresentação ao dossiê).** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 9 (21): 11-26, setembro a dezembro de 2022. ISSN: 2358-5587

ACENO

Apresentação ao dossiê

Buscamos com este dossiê congregar pesquisas e problematizações que envolvessem os processos formativos, o direito à diferença e os efeitos das políticas públicas na saúde e na educação. Com isso objetivamos diálogos com os/as praticantes no cotidiano das instituições em sua relação com as artes do fazer com o/a outro/a. Neste dossiê tomamos os campos da Saúde e Educação numa perspectiva ampliada e implicada com os processos formativos tramados pelas invenções, criações, resistências e negociações daqueles/as praticantes que não desistem da vida diante das forças que buscam silenciá-lo/a, enfraquecê-lo/a e/ou exterminá-lo/a. Compreendemos que os processos formativos, como suas tecnologias políticas, afirmam modos de existir e intencionam definir/fabricar corpos e vidas que importam. Convidamos, com este dossiê, pesquisadores/as a problematizações que nos ajudassem a melhor compreender o que temos feito com os processos formativos em meio aos espaços-tempos que buscam nos (con)formar no interior das normas hegemônicas de sexualidades, de gênero e de raça. Se por um lado, as instituições educativas, com suas narrativas e projetos políticos de curta e longa duração, disputam as vidas que por ali interagem experiências e aprendizagens, por outro, suas práticas, que afinam e desafinam políticas, não renunciam as estratégias de fabricação de corpos racializados, sexualizados, generificados e marcados pela conformada mesmidade. Por dentro das muitas instituições da saúde, educativas e práticas pedagógicas bonitas, são tecidas as políticas de alianças interseccionadas de amizades que permitem atos resistentes e a coprodução de saberes que fazem ruir projetos normativos. As reivindicações mobilizadas pelas pautas étnico-raciais, de gênero e sexualidades têm, insistentemente, por dentro das instituições, inventado práticas de resistências e firmando alianças, porque delas não podem abrir mão, fomentado a produção de saberes e políticas que nos permitem acolher a novidade da existência com a educação e a saúde. E por essa via, da denúncia e dos anúncios, que a educação que luta pelo acesso e permanência da vida no Sistema Único de Saúde e nas escolas brasileiras que nos propomos a debater com as políticas de alianças cotidianas dos/as praticantes.

Ouvindo vozes que vêm de longe e no entre: seguimos acriancando a educação, as políticas públicas, os processos formativos e o direito à diferença

*Alexsandro Rodrigues*¹

Universidade Federal do Espírito Santo

*Marcio Caetano*²

Universidade Federal de Pelotas

*Pablo Cardozo Rocon*³

Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo: Pluralizando as expressões da escrita, da oralidade e do pensamento como atos políticos fundamentais à existência criadora que vão além das institucionalidades reguladoras do consenso, buscamos na fabulação os sentidos políticos de liberdade e experiência. Para tanto, fabulamos sobre as artes crianceiras de ouvir vozes e com elas compreender o mundo frente a racionalidade disciplinar das instituições. Nesse artigo, fabulando, assumimos a amizade e as fronteiras como possibilidade de produção de relações e mundos.

Palavras-chave: fabulação; ouvir vozes; criança; amizade; processos formativos.

RODRIGUES, Alexsandro; CAETANO, Marcio; ROCON, Pablo Cardozo. **Ouvindo vozes que vêm de longe e no entre: seguimos acriancando a educação, as políticas públicas, os processos formativos e o direito à diferença (Apresentação ao dossiê).** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 9 (21): 11-26, setembro a dezembro de 2022. ISSN: 2358-5587

¹ Professor Associado III do Centro de Educação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo.

² Professor Associado da Universidade Federal de Pelotas e do Programa de Pós-graduação em Educação.

³ Professor Adjunto do Instituto de Saúde Coletiva e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso.

Listening to voices that come from far away and between:

**we continue to create education, public policies, training processes
and the right to difference**

Abstract: Pluralizing the expressions of writing, orality and thought as fundamental political acts to inventive existence that go beyond the regulatory institutions of consensus, we seek in fabulation the political meanings of freedom and experience. To do so, we fable about the children's arts of hearing voices and with them understanding the world in the face of the disciplinary rationality of institutions. In this article, fabulating, we assume friendship and borders as a possibility for the production of relationships and worlds.

Keywords: fabulation; hear voices; child; friendship; formative processes.

Escuchando voces que vienen de lejos y entre: seguimos creando educación, políticas públicas, procesos de formación y derecho a la diferencia

Resumen: Pluralizando las expresiones de la escritura, la oralidad y el pensamiento como actos políticos fundamentales para la existencia creadora que van más allá de las instituciones reguladoras del consenso, buscamos en la fabulación los significados políticos de la libertad de experiencia. Para ello, fabulamos sobre el arte infantil de escuchar voces y con ellas comprender el mundo frente a la racionalidad disciplinaria de las instituciones. En este artículo, fabulando, asumimos la amistad y las fronteras como posibilidad de producción de relaciones y mundos.

Palabras clave: fabulación; escuchar voces; niño; amistad; procesos formativos.

Fabular

*A voz do anjo sussurrou no meu ouvido
Eu não duvido já escuto os teus sinais
Que tu virias numa manhã de domingo
Eu te anuncio nos sinos das catedrais*

*Tu vens, tu vens
Eu já escuto os teus sinais*

Anúnciação, de Alceu Valença

Ao fabular buscamos a possibilidade de atingir uma zona de transformação por meio da expressão. Com isso, entendemos que a fabulação não se encontra nos limites de uma verdade como política universal integradora de culturas, modos de subjetividade e línguas em um devir normalizado. A fabulação, recurso criador que buscamos inspiração para este diálogo, dribla o modelo do verdadeiro e a potência da falsidade; a história assume um por vir: o devir existir.

Não se ventila, como nos avisou Deleuze (1975), uma *fantasia edipiana*. A fabulação encontra-se em um programa ético-político-afetivo de encontro com a vida imaginada.

Pensa-se, cria-se, escreve-se, menos para assumir a expressão de um certo grupo ou de uma determinada classe, que na esperança de que o agenciamento de novas formas de expressão possa convocar a gente a uma ação conjunta, a uma resistência comum, a um povo por vir. (PELLEJERO, 2008: 73)

Nas artes da escrita fabulada, aquele/a que usa das palavras deixa o privilégio e se converte no catalisador da expressão prática e esperançosa da libertação criativa. É nesse trajeto que fabulamos sobre as artes *crianceiras* de ouvir vozes e com elas compreender o mundo frente a racionalidade disciplinar das instituições.

Ouvir vozes para algumas pessoas pode parecer estranho, perigoso e assustador! O perigo não está na voz do anjo que sussurra ao ouvido. O perigo pode estar nas relações de confiança, amizade e do querer bem que se supõe possuir com quem se conta o que se ouviu do anjo. Anjo pode ser apenas mais um nome que se dá para quem vive e transita entre mundos e entre nós. Nas bandas de cá, nossos anjos costumam se apresentar com nome, sobrenome e ponto riscado. Nem sempre as pessoas estão dispostas a produzir acolhimento para as histórias narradas do encontro como encanto entre mundos, anjos e crianças. Dessa forma, sem saber qual é o repertório que subjetiva quem ouve as histórias sobre os anúncios que os anjos trazem, as crianças e não só elas, correm risco de ter sua sanidade mental questionada e até esmiuçada ao contar para alguém, que não se sabe quem é que ouviu e ouve vozes de anjos.

Dizem que os anjos não são desse tempo! Será? Se são ou não são, temos nossas dúvidas e seguimos com elas. Duvidar é uma ação que mobiliza e gostamos de aprender. Aliás, sobre anjo, tempo, espaço e tantas outras coisas, temos muitas dúvidas. Acreditamos e aqui buscamos sustentar a ideia de que o tempo dos anjos (porque nosso tempo) é sempre tempo do encontro, nascimento, novidade e anúncio do que vem e de quem vem. O tempo dos anjos pode ser aquele da contestação do *espaço* vivido no acontecimento e ele se constitui na busca por uma história menor em que traços silenciosos e resíduos de existência demonstram que o narrado vai além do tempo de uma duração.

O tempo dos anjos e de outros mensageiros se entrelaça no emaranhado de acontecimentos e cada qual nos leva as vírgulas e reticências do conto porque enquanto tiver experiência, o conto não termina no ponto. Assim, a história, como acontecimento, é o *encontroconfronto* entre o dito e a ruptura e não se limita a mera narrativa do executado. Sua noção ignora os amplos e universais situando o espaço e tempo no *espaçotempo* do *encontroconfrontoaliança* de contradições. Nessas interações temos boas novas, querer bem, produção e condições objetivas à sustentação de experiências outras.

Ainda que as palavras possam assumir redes de significados e sentidos ao longo do tempo, a etimologia pode ser uma ferramenta para compreender o sentido de sua emergência. A palavra "experiência" deriva do termo latino *experientia* e é formada de três partes: "ex" que significa fora, "peri" entendido como perímetro ou limite e "entia", a ação de conhecer ou aprender. Portanto, *experientia* pode ser traduzida como o ato de (se) aprender ou (se) conhecer acolá de fronteiras e limites. O que essa descrição parece nos ensinar é que a palavra *experientia* transporta consigo a marca da incompletude e curiosidade. Se aceitarmos que a experiência está condicionada a curiosidade, criatividade e necessidade de (se) inventar e, com isso, a liberdade torna-se imperativa à existência. A ausência de liberdade impede o movimento da criação de mundos nos aprendizados com a experiência para emergir como sujeitos de verdade. Em outras palavras, existe umnexo entre a experiência, curiosidade e (auto)conhecimento. Esses movimentos infinitos em busca do conhecimento somente tornam-se possível em meio a diferença. E é no direito de ouvir vozes no e entre os mundos que encontramos nossos anjos e conservos celestiais. Existentes entre nós, esses seres, alguns podem ser identificados por amigos e amigas! Uma criança, dessas que existem entre nós, já nos contou que desde pequeno ouvia a voz de seu amigo, Sete Flechas⁴!

Nessas histórias de anjos e anjas, o que sabemos é que nós não somos as crianças que narraram às aparições de Nossa Senhora, como ocorridas com a Guadalupe, no México, a Virgem da Medalha Milagrosa e Nossa Senhora de Lourdes, na França e, finalmente, a Nossa Senhora de Fátima, em Portugal. Não somos crianças tramadas com essas histórias. Nossos fios têm outras contas. Ficamos nos perguntando por que algumas pessoas narram aparições, contam que escutaram vozes, entregam mensagens de outros mundos e são credibilizadas/ouvidas e por elas fazem vigílias e romarias e outras não! Algumas histórias, reiteradas cotidianamente através de uma narrativa muito bem construída entre ficções e fabulações faz saber de crianças (porque as crianças não se esquivam) que vivendo em extrema vulnerabilidade, em condições de pobreza e dor, ao narrarem experiências de vozes e aparições, são erguidas porque importam a condição de mensageiras da boa nova. Viram anjos!

⁴ Cultuado na Umbanda, *Sete Flechas* é uma divindade indígena que vem na irradiação do orixá iorubá Oxóssi, mas também pode ser cruzado no envio de todo o panteão de orixás.

Outras crianças, as que não gozam da mesma condição de humanidade e reconhecimento, trazendo marcas no corpo, como as de raça, gênero, sexualidade, território, origem, nação, religião, classe e condição física têm suas narrativas negligenciadas, invisibilizadas, apagadas, negadas e/ou desacreditadas. Não são todas as crianças que terão histórias de ouvir vozes escutadas e credibilizadas. Não são todas as crianças que estão autorizadas a ouvir vozes. Não são todas as crianças que potencialmente podem virar anjos e anjas. Sobre essas crianças negadas se grita aos quatro cantos por onde sua existência acontece que estão perturbadas, que tem miolo fraco e que a elas, falta Deus. Vai rezar menino! Se ajoelhar e fala com Deus, menina! Vai rezar para se livrar desse demônio, criança! Rezando a ladainha que se é preciso rezar, supõe que essas crianças terão o diabo arrancado de seus corpos. Ainda assim, essas, por mais que rezem, não viram anjos. Viram muitas coisas... mas... anjos..., viram não.

Nessas fabulações que gostamos de contar por que a nós nos chegou por outras vozes, em um certo dia, uma dessas criança, que ouve vozes de anjos com muitos nomes e sobrenomes, e que tem sua vida marcada pela amizade e pelo desejo de sentir incluída na lógica do outro, começou a frequentar a catequese com um grupo de amigos da rua e da escola. Adorava frequentar aquele espaço. Por ali se vivia muitas coisas. Mas o que mais interessava era estar com seus amigos e amigas. Não media esforços para se socializar ali, ainda que para isso fosse preciso se calar, cristianizar e embranquecer. Aquela criança, malquista por alguns adultos, pois se ligava a história de outros que também ouvem vozes, quando se tratava da catequese, não era um problema. Era até incentivado pelas mães de seus amiguinhos da catequese e da escola que frequentasse aquele espaço de aprendizagem de boas maneiras daquilo que não se deve ser. Já havia rumores na comunidade (pois na comunidade todos se sabem) que assim como sua mãe e sua avó, aquela criança também ouvia vozes. Parecia que as mães de seus amiguinhos acreditavam que a catequese e as reuniões religiosas poderiam salvar aquela criança daquela maldição. Em nome de Deus e de um modo cristão de se viver, estava permitido, sob muita vigilância e cautela a mistura de crianças do mundo que se nega ouvir vozes e do mundo que se é permitido ouvir vozes.

Um dia, aquela criança, depois de muito escutar histórias de crianças que ouviam vozes e que viam santos e santas, resolveu contar para a professora da catequese que também ouvia vozes de anjos, só não os via. A professora sabendo da origem religiosa da criança contou para o Padre e esse fez a criança rezar uma centena de Ave Maria e Pai Nosso. Coitada da criança! Disse ainda para a criança que ela não ouvia voz de anjo de forma nenhuma. Não estava autorizada! Somente as crianças boas e puras podiam ouvir vozes de anjos. Sendo ela quem era, só seria possível ouvir a voz do Diabo que a tudo e a todos busca enganar. Até aquele momento a criança não sabia da existência do Diabo! E em torno do Diabo que ela não conhecia, se viu afastada da catequese e de seus amigos e amigas. Triste lição sobre identidade! Sobre a norma! Sobre uma forma de poder! Bela aprendizagem sobre anjos e diabo. Não podia mais frequentar a catequese, a menos que ela desmentisse para a professora e para todas as crianças aquela invencionice. Não sabendo ser de outro jeito, seguiu a vida com as amigas imaginárias.

Com o passar do tempo, tempos bons, alguns de seus amigos e amigas, porque ouviam vozes como segredo, vão se aproximando e ocupando outros territórios. Ouvir vozes, como estamos entendendo é potência comum de todos nós. Quem nunca? E é ouvindo vozes e contando sobre isso é que nos juntamos há uma multidão de pessoas ouvidoras de vozes, que por não saberem ser de outro

jeito, segue. Estamos acreditando que quando mais sobre isso falarmos e escrevermos, mais contribuiremos para o enfraquecimento das políticas de governo da população que nos querem impedir o trânsito entre as fronteiras, impedir a curiosidade, aligeirar a criatividade e, com isso, a necessidade de (se) inventar. A professora e o padre ensinaram para a criança sobre a polícia identitária. Para esta polícia, se preciso for, estão dispostas as tesouras da boa pedagogia e da catequese, cortar as asas de anjos e anjas perturbados e endiabrados.

Uma bruxa, dissidente da norma do patriarcado e do machismo, dessas que não precisa de nome e que foi queimada em praça pública sob os olhares atentos e felizes da população, acabou de sussurrar no ouvido: *Fiquem atentos aos sinais porque em nome de um Deus, aqui também se mata*. Alguns adultos de nossas vidas, principalmente, os que se dizem fervorosamente cristãos, pessoas de bem, temente a Deus, educados para eliminar e rejeitar tudo que não seja o mesmo, temem ouvir vozes que não seja a identidade já classificada, hierarquizada e normalizada de seu mundo branco, heterossexual e burguês. Temem por pressentir e saber que ouvir vozes é potência de deslocamento em todos nós. Ninguém está imune! Temendo o que não se consegue explicar com meias palavras porque é preciso sentir com o corpo inteiro, esses adultos nos educam para termos medo de vozes que não são possíveis de serem reconhecidas como familiar. A criança da catequese é um bom exemplo do que não se deve dizer para qualquer um.

Sentenças políticas, ordens policiais, histórias, lendas, fábulas, novelas, ditos populares e tantas outras narrativas, espalham violências ensinando-nos deste a mais tenra idade, o perigo que uma vida pode ser colocada ao dar ouvidos a murmúrios e mensagens de quem não se sabe quem é de onde vem. Pinóquio, Chapeuzinho vermelho, Peter Pan, o flautista de Hamelin, Joãozinho e Maria etc., cumprem essa tarefa pedagógica de nos afastar da potência das vozes que não se sabe a origem. A depender da origem, afastemos.

Nossa cultura judaico-cristã tem obsessão com as histórias de origem e em torno disso não se cansa de perguntar quem veio primeiro, o ovo ou a galinha. Tem horas que nos parece que nossa história, apegada as origens, tem apenas 2022 anos. Ainda bem que crianças endiabradas, que via, lia e ouvia vozes, cantou aos quatro cantos do mundo para ouvir, que por terem “*nascido há dez mil anos atrás, não tinha nada nesse mundo que eles não sabiam demais*”. Nessa música as crianças com nome e sobrenome, sem papas na língua e rindo das ficções de uma história com marco zero, debochadamente, hibridizando, sendo mais que um e menos que dois, cantam:

*Eu vi Cristo ser crucificado - vi o amor nascer e ser assassinado
 Eu vi as bruxas pegando fogo pra pagarem seus pecados
 Eu vi!... (...) Eu vi Moisés cruzar o Mar Vermelho
 Vi Maomé cair na terra de joelhos
 Eu vi Pedro negar Cristo por três vezes diante do espelho
 Eu vi!... (...) Eu vi as velas se acenderem para o Papa
 Vi Babilônia ser riscada do mapa
 Vi Conde Drácula sugando sangue novo e se escondendo atrás da capa
 Eu vi!... Eu vi a arca de Noé cruzar os mares
 Vi Salomão cantar seus salmos pelos ares
 Vi Zumbi fugir com os negros prá floresta pro Quilombo dos Palmares
 Eu vi!... (...) Eu vi o sangue que corria da montanha quando Hitler chamou toda
 Alemanha
 Vi o soldado que sonhava com a amada numa cama de campanha
 Eu li! Eu li os símbolos sagrados de umbanda
 Eu fui criança pra poder dançar ciranda
 Quando todos praguejavam contra o frio eu fiz a cama na varanda... (...) Não! Não!*

*Eu tava junto com os macacos na caverna
Eu bebi vinho com as mulheres na taberna
E quando a pedra despencou da ribanceira eu também quebrei a perna
Eu também... (...) Fui testemunha do amor de Rapunzel
Eu vi a estrela de Davi brilhar no céu
E pr'aquele que provar que eu tô mentindo
Eu tiro o meu chapéu...*

Eu nasci há dez mil anos atrás, de Paulo Coelho e Raul Seixas

Essa música acompanha nossos processos formativos. Desde longe, temos memórias de seus sussurros. Seus compositores, experimentando seus processos inventivos, rindo dos mitos de origens, produziram encantos e assombros. Para quem ouviu de novo suas vozes, deve estar se perguntando: Como assim? Invenção, ficção, fabulação, narrativas, discursos, histórias e na origem “eu vi as bruxas pegando fogo pra pagar os seus pecados. Eu vi”. Em torno da origem, passamos a vida toda, como forma de garantir tranquilidade para as histórias já debochadas na poesia de Raul Seixas e Paulo Coelho a inquirir as pessoas desse mundo e de outros mundos de onde elas vêm e porque vem! A depender da origem, supomos saber o enredo com princípio, meio e fim da história. Se vem de preto ou dos mundos de indígenas, conta um mito. Não carece de seu ouvida, muito menos validada. Vale menos. Vale nada. Se vem de branco, do mundo do branco, conta uma outra história. É ouvida, qualificada e reiterada.

Parece que só é possível ouvir reverberações de vozes daqueles que institucionalmente são reconhecidos como capazes de nos educar os sentidos e os significados que uma vida na história deva e possa ter. Já ouvimos dizer que ouvir vozes é coisa de gente perturbada e ou de gente com diabo no corpo. E que seja... Somos amigos de Raul Seixas e de Paulo Coelho. Gostamos de suas companhias debochadas. Durante uma vida toda, tem pessoas que não se reconhece na sua condição humana fora desse híbrido encontro entre o reino da perturbação e do diabo. Somos elas. Híbridos.

Ficamos sabendo na conversa que se cresce na tessitura deste artigo que uma de nossas avós, pelo simples fato de não conseguir parar de ouvir vozes, foi internada no hospital psiquiátrico de Barbacena (MG). Na cidade que ficou conhecida como o holocausto brasileiro, mais de 60 mil pessoas perderam a vida em seu Hospital. Mesmo nesse horror, por ali ficou um tempo, até que Pé de Vento, amigo, com o consentimento da família cristã, ensinou a ela em que espaços ela podia ouvir vozes. Ela podia até ouvir em outros lugares, mas não precisava contar para qualquer um. Esperta, desde então, vem aprendendo um monte de outras coisas com essas vozes e o que ela aprendeu e aprende não se guarda. O diabo no corpo e as perturbações deram passagem a uma benzedeira-bruxa e híbrida (re) conhecida em sua cidade. Até o padre que tentou fazer a criança rezar centenas de Ave Maria e Pai Nosso vai ter com ela de vez em quando. Dali para a construção de um terreiro foi um pulo na saúde mental daquela família que se permitiu ouvir as muitas histórias de Pé de Vento. É tão antiga amizade dessa família com Pé de Vento, que a família não sabe nos contar sua origem. Sabem que ele vem!

Ali, naquela fenda de muitos mundos, feita de híbridos, crianças e adultos estão autorizadas a ouvir e conversar com quem não se sabe quem é e de onde vem! Quando o chegante do outro mundo é presença nova no terreiro e ainda não se apresentou completamente, ela, porque parece possuir as chaves de dois

mundos e não está preocupada com o nome e a origem do/a visitante, vai logo dizendo: “Preocupa com isso, não. Veio com o vento e se veio é porque Pé de Vento deixou chegar nessas bandas. Ele sabe quem é, de onde vem, porque está aqui e para onde vai. Se veio com o vento, seja bem-vindo!”

Esta senhora, compondo a história da criança da catequese, todas as vezes que fica sabendo que uma criança está ouvindo vozes, já vai logo mandando recado para a família para que fiquem atentos aos sinais e que não dê confiança para algumas conversas feitas por gente de carne e osso que tem medo de anjos com nome e sobrenome. Gente de carne e osso pode ser extremamente perigosa para gente híbrida e fronteira que ouve vozes. A criança, a avó de nossa história e Pé de Vento, sobre isso, muitas histórias têm para nos contar.

Entre deuses, emissários e os diabos, a gente segue ouvindo vozes

Tem pessoas que se humaniza ouvindo vozes. Sem isso, não podem ser quem são. Para esse tipo de gente fronteira (perturbada e com diabo no corpo, como diriam aqueles fundamentalistas que falamos outrora), hegemonicamente busca-se a todo custo o retorno a uma sã normalidade. As instituições disciplinares e de controle e nisso inclui saberes ortopédicos da educação e da saúde por esse tipo de pessoas na fronteira se sentem atraídas e a todo custo desejam incluí-las em suas verdades. Vez ou outra, ficamos sabendo de alguém, muito perto da gente, um parente, um vizinho, um conhecido, com sintomas de perturbações que foi levado a um consultório médico e ou psicólogo para encontrar um remédio milagroso para a cura de um ouvido/cérebro/olhos que insistem em ouvir/ver e compreender aquilo que não se pode ouvir, ver e compreender, por não ser desse mundo. Alucinações.

Ouvir vozes em nossa cultura e para algumas famílias, até pode ser tolerável, desde que você ainda não tenha alcançado sete anos de idade. Dizem por aí, e em nossas casas ainda se pode ouvir, que a moleira⁵ das crianças só se fecha completamente por volta dos sete anos de idade. Enquanto ela está aberta as crianças são e estão sensíveis a tudo e nisso inclui conversas com amiguinhos imaginários. Esse é mais um dos nomes que nossos anjos com nome e sobrenome recebem! É por isso que até os sete anos de idade investe-se tanto em histórias murmurantes da norma que poderá nos acompanhar por uma vida toda.

Os adultos têm pressa que cheguemos logo aos sete anos de idade. O sete é um número cheio de mistério e um de seus mistérios é a moleira das crianças. Nesse tempo intensidade que ouvimos vozes, conhecemos um monte de amigos que levam o Sete no seu nome. Em torno dos sete anos de idade e da moleira aberta um tanto de coisa está permitido acontecer e existir. Como a moleira não está fechada até os sete anos, não é de todo estranho que algumas crianças tenham amiguinhos imaginários. De vez em quando, em visita a casa de amigos e, ao perguntarmos por uma criança da casa, ouvimos do adulto que a criança está num canto qualquer da casa brincando com um amiguinho/a imaginário/a.

⁵ No *Anatomia Responde*, o professor Luis F. Tirapelli descreve a moleira, denominação popular que se dá para as fontanelas, espaços macios e membranosos que separam os ossos do crânio dos recém-nascidos. Segundo Tirapelli, “existem duas fontanelas simples que estão localizadas na região central do crânio, denominadas anterior e posterior, e outros dois pares de fontanelas localizados lateralmente no crânio, denominadas lateral anterior e lateral posterior”. Além disso, as fontanelas permitem que os ossos do crânio se movimentem e, com isso, a cabeça do bebê passa de maneira mais fácil pelo canal vaginal na hora do parto. O boletim *Anatomia Responde* é produzido e apresentado pelo professor Luis F. Tirapelli, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/moleira-e-a-denominacao-popular-dos-espacos-que-separam-o-cranio-dos-recem-nascidos/>. Acesso: 17/06/2022.

Alguns saberes da psicologia e da pedagogia não veem nada de errado com isso. Vire e mexe ouvimos de alguém que a professora, psicóloga ou pediatra disse que é normal as crianças terem amiguinhos imaginários. Se elas disseram isso, porque especialistas em vozes autorizadas, então está tudo certo!

Existe uma história que também se conta em nossas casas sobre as pessoas sonâmbulas e crianças que brincam e conversam com amiguinhos imaginários. Nessa história, ficamos sabendo que não se pode interromper uma brincadeira com amiguinho imaginário, muito menos acordar de qualquer maneira um sonâmbulo. Se não tomarmos cuidado, podemos trancafiar os sujeitos dessas experiências nesses mundos. Dizem que alguns não voltam do mundo em que se encontram e outros, quando voltam, voltam completamente perturbados. Assim, a fronteira que se produz diante do sonambulismo e do amiguinho imaginário se organiza no tempo do acontecimento discursivo. Por acontecimento, aprendemos ouvindo vozes de Michel Foucault que:

Certamente o acontecimento não é nem substância, nem acidente; nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é ato nem propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material. Digamos que a filosofia do acontecimento deveria avançar na direção paradoxal, à primeira vista, de um materialismo do incorporal. (FOUCAULT, 2006: 57-8)

Ouvindo vozes de Foucault e trabalhando o ouvir vozes como acontecimentos, vamos percebendo que é na materialidade do corpo que podemos perseguir seus efeitos. O corpo é alvo! Ouvir vozes acontece no encontro e na dispersão entre forças diferentes. Sua materialidade não pode ser antecipada. Mas se a situação do ouvir insistentemente persistir em um corpo, dirão: “fiquem atentos aos sinais... esta experiência de gente fazendo coisas enquanto dormem e gente em conversa e brincadeira com amiguinhos imaginários, em excesso, pode ser perigoso.

Do sonambulismo não podemos afirmar muita coisa nessa história que contando também estamos inventando sobre o ouvir vozes. E, está tudo bem assim, gostamos dos encontros, das dispersões e dos acontecimentos. Não sabemos ser diferentes. Em algumas situações, ter amiguinhos imaginários pode representar menos perigo para uma criança do que ter amiguinhos afeminados. Já ouvimos de adultos de carne e osso, sujeito encarnado como bem pondera Denise Najamovick (2001), que nós não éramos boas companhias para seus filhos e filhas. Nossas identidades eram perigosas. Crianças afeminadas não são de confiança, diziam eles. Nem a catequese poderia nos salvar. Salve as criancinhas! E veja bem se *olhos de ouvir* e *ouvidos de ver* você possui, naquela época, ainda não tínhamos sete anos de idade.

A palavra identidade não compunha nosso mundo. Éramos apenas crianças como e com outras crianças! Será que para gênero e sexualidade existem as narrativas sobre moleiras abertas? Esqueceram das crianças que aparecendo nas dissidências fazem borrar o sistema sexo-gênero? Desde aquela época, jogando com os acontecimentos, ouvindo vozes perigosas de gente desse mundo que nos castigavam costurando identidades que lhes importavam e que nem sempre nos reconhecíamos, temos com nossos corpos, marcados pela força dos acontecimentos, aprendido a desconfiar de alguns discursos da identidade e de suas normas. Quem responde sobre nossas desconfianças é Michel Foucault. Em nossos ouvidos ele sussurra que:

Se devemos nos posicionar em relação à questão da identidade, temos que partir do fato de que somos seres únicos. Mas as relações que devemos estabelecer conosco mesmos não são relações de identidade, elas devem ser antes relações de diferenciação, de criação, de inovação. É muito chato ser sempre o mesmo. (FOUCAULT, 2004: 265)

Conhecemos crianças perturbadas e com diabo no corpo porque assim eram vistas por conta de suas espertezas e atenções aos sinais das vozes. Elas ouviam e, por vezes, viam seus amiguinhos e, com medo do que podiam pensar e fazer, guardaram estas experiências como segredo. Entre amiguinhos e as crianças havia um combinado... “depois que todos forem dormir e ou nos encontrarmos sozinhos manteremos a conversa e a brincadeira”.

As crianças perturbadas e endiabradas tinham/tem medo de serem levadas a médicos e psicólogos. Ouvidoras de vozes, elas ficavam/ficam sabendo de histórias de crianças tristes após a visita a estes especialistas. Uma criança, dessas que contam histórias pra gente, disse que se lembra do medo que saiu do consultório. Ela passou tanto aperto que nunca mais contou para ninguém sobre as vozes. E é por isso que depois dos sete anos de idade, entre nós, estava/está proibido ter amiguinhos imaginários. Tê-los só era possível em espaços que não levava tão a sério algumas narrativas sobre identidade, vozes e amiguinhos imaginários.

A casa da avó benzedeira que falávamos antes, outrora criança da catequese, era um desses lugares, que cabiam muitos reinos e vozes, onde as crianças que ouvem vozes não precisavam sumir para aparecer. Muitas crianças e adultos ali no quintal da avó convivem em processos formativos com as vozes que vem de outros mundos. Os autores (perturbados e endiabrados) desse artigo volta e meia se encontram nesse quintal e por ali ficam o tempo que for preciso para ouvir vozes.

Os adultos de nossas vidas, hibridizados com outras histórias de crianças e vozes, volta e meia diziam para quem tem ouvidos de ouvir que “anjo da guarda é que toma conta desse moleque, pois, se eu não acreditar no anjo da guarda dele, só me resta apelar para o postinho de saúde e do postinho de saúde quero distância. Lá eles não acreditam em anjo da guarda”. E de tanto apelar para o anjo da guarda, volta e meia, lá estavam essas crianças, em espaços autorizados a ouvir e ver, conversando com Preto Velhos, Erês e outros amiguinhos. Não abrimos mão desses amiguinhos. Gostamos de ouvir suas vozes, seus murmúrios e com alegria, sempre que possível, vê-los. Desde esse tempo, escutar vozes e atentar para outras políticas de mundos, amizades e aprendizagens compõe os nossos processos formativos. Nesses processos de aprendizagens encantados, a amizade forjada na *arte de viver* e seus híbridos, unindo gente e encantaria é o que tem nos possibilitado *ascender a uma vida criativa*, com a educação, com as políticas públicas, com o direito a diferença

Puxando fios que vem de longe para fiar os saberes da amizade

Muitas são as vozes que murmuram por aqui e nos ajudam a entender melhor alguns sentidos que podem ter a amizade e os processos formativos desde a escuta de vozes. Ouvir vozes, talvez seja uma atenção necessária para se pensar os processos formativos de trabalhadores da saúde e da educação. Nossos saberes vêm de longe e nos oferece belas memórias no sentido da experiência! Ouvindo vozes que vem de longe, vivendo outros processos cognitivos, outros, porque os nossos,

vamos reconhecendo entre nós, nos *espaçotempos* por onde circulamos como presenças (des)aprendentes.

A universidade ainda tem sido, porque as liberdades não estão dadas, *espaço tempo* de luta que buscam afirmar e garantir, criando condições e coexistências de cruzos entre o diabo e a perturbação. As mais velhas que escrevem esse artigo, já são presenças na Universidade que desde muito questionam a racionalidade hegemônica que buscou nos ensinar a impossibilidade de construção de conhecimentos no *encontro confronto*. Regina Leite Garcia, professora responsável por muitos encontros e pelo nosso, sussurra amorosamente em nossos ouvidos: *Continuem atentos os sinais, a Universidade pública, democrática, laica e de qualidade ainda precisa ser conquistada*.

Nossos corpos insubmissos ouvem vozes desde a infância e elas que vem de longe, como as da professora Regina Leite Garcia, ocupam a escola e a Universidade na fronteira de nós mesmos. Por não termos intenções de definir conceitualmente esses fios de sentidos dos murmúros que ouvimos, sabendo que seria preciso uma vida inteira para desembolá-los, seguimos encantados, narrando nossas histórias entre sagrado e o profano, a perturbação e o diabo, a ficção e fabulação, entre isso e muitos aquilos.

Temos compreendido em práticas de encantaria com a vida e a flor da pele a dar importância e passagem aos encantos do encontro. E foi o encantamento pela vida a ser vivida em sua plenitude com o corpo inteiro, no entre mundo o que nos trouxe até aqui. Nesse encantamento pela vida, a ser vivida como *obra de arte*, murmúrios de muita gente (des)encarnada e encantada pela educação, como justiça social e cognitiva ecoam em nossos ouvidos! Ou, será o corpo todo que ouve?

Para melhor compreender esta trama de sentido, esse artigo puxou fios de tempos e de encontros praticados com a educação e com os *espaçotempos* formativos por onde circulamos em processos (des)aprendentes de nós mesmos com nossas crenças e fés. Até aqui, o que buscamos sustentar, como processo agonístico foi o nosso encontro como modos de afirmar o encontro como possibilidade de vida criativa. Foi nos *espaçotempos* da academia, educação e fés, experimentando-nos de corpo inteiro com aquilo que não se sabe e que não é possível antevê, é que nos encontramos e compusemos alianças éticas e bonitas em torno do programa político-afetivo da amizade que se importa.

Dada a importância do tema, nos voltamos ao programa ético-político-afetivo da amizade enquanto princípio do encontro aprendente. Sobre isso, Francisco Ortega (2000: 89) vai dizer que, *“a ética da amizade prepara o caminho para a criação de formas de vida, sem prescrever um único modo de existência correto. Falar de amizade é falar de pluralidade, experimentação, liberdade, desterritorialização”*. Diante do que pondera o autor, nos perguntamos: O que as políticas de educação têm a ver com a amizade? É possível desenvolver a amizade como modo de experimentação desde a escola? Cabe a amizade nos programas vazios do que não se controla nos espaços e tempo da educação? Por que a amizade, como exercício ético, estético e político representa perigos para as instituições disciplinares e de controle? O que tudo isso se relaciona com as crianças que ouvem vozes que trouxemos ao texto? Michel Foucault com quem Francisco Ortega estabelece conversas para pensar a amizade, genealogicamente, responde essas perguntas da seguinte maneira:

O exército, a burocracia, a administração, as universidades, as escolas, etc. — no sentido que assumem essas palavras nos dias de hoje — não podiam funcionar diante de amizades tão intensas. Podemos ver em instituições um esforço considerável por

diminuir ou minimizar as relações afetivas. Neste caso, em particular, nas escolas. Quando se inauguraram as escolas secundárias que acolheram alguns jovens rapazes, um dos problemas foi o de saber como se podia não somente impedir as relações sexuais, claramente, mas também impedir as amizades. Sobre o tema da amizade, pode-se estudar, por exemplo, as estratégias das instituições jesuítas — eles estavam cientes da impossibilidade de supressão da amizade, eles tentaram então utilizar o papel que tinha o sexo, o amor, a amizade e de limitá-los. Deveríamos agora, depois de estudar a história da sexualidade, tentar compreender a história da amizade. É uma história extremamente interessante. (FOUCAULT, 2004: 273)

Talvez esteja por aí, nessa história da amizade, fés e vozes que poderemos encontrar alguns dos fios que tramam a professora da catequese, as mães dos colegas da catequese e o padre. A amizade ela enfraquece as instituições disciplinares por justamente acontecer de forma agonísticas e como programa vazio.

Alexsandro Rodrigues (2009), problematizado a escola e suas práticas, na perspectiva do direito à diferença e da diversidade sexual, em conversas com seu amigo Michel Foucault, faz saber que a escola moderna se apresenta, foi projetada e esta programada, de modo hegemônico, para a disciplinarização dos corpos, das identidades, dos modos de nos relacionar com os mundos, com os amigos e com nós mesmos. Segundo ele, “talvez seja essa a lógica que permeia a prática recorrente dos professores em “desfazer os grupinhos” e assim despotencializar as pessoas, deixando-as vulneráveis à individualização, ao controle, ao comando, à ordem” (RODRIGUES, 2009: 125). Essa situação nos recorda outro amigo de Foucault, Alfredo Veiga-Neto (2007). Para o autor o:

grande objetivo das tecnologias de vigilância nas quais o sujeito é parte integrante] é, pela via disciplinar, fabricar corpos dóceis [...], tal fabricação se dá por um duplo movimento: somos primeiramente objetivados numa rede disciplinar, composto por microscópicas divisões espaciais e temporais; quase ao mesmo tempo, vamos nos enxergando como sujeitos nessa rede [...] Mas, se o corpo é alvo desse conjunto de técnicas ortopédicas, não se pode esquecer que, para Foucault, é por intermédio do corpo que se fábrica a alma [...] Trata-se, ao mesmo tempo, de uma ortopedia física e moral [...] é mais óbvio o papel que a escola desempenhou nas transformações que levaram da sociedade de soberania para a sociedade estatal. Não é demais insistir que, mais do que qualquer outra instituição, a escola encarregou-se de operar as individualizações disciplinares, engendrando novas subjetividades e, com isso, cumpriu um papel decisivo na constituição da sociedade moderna. (VEIGA-NETO, 2007: 70)

A escola, assim como a Universidade, nas fronteiras de seus tempos e de seus espaços esquadrihados pela polícia dos que nos querem distantes de nós mesmos e dos nossos, principalmente de nossos amigos imaginários, que nos permitem transitar entre mundos, não conseguem controlar e definir os rumos que podem tomar a amizade. Os amigos, talvez seja uma das poucas instituições que não nos querem sempre os mesmos. Na amizade o entre, os híbridos são potências para a novidade do existir no jogo da amizade. As instituições de controle e de disciplinamento das subjetividades (família, escola, igrejas) temem a amizade, pelos simples fatos dela não se organizarem a partir das lógicas binárias que dão sentidos as instituições. Se elas temem o que pode uma amizade entre encarnados, imagina o risco que corre quem insiste em manter amizades com encantados e ancestrais. Interessado pela amizade, Foucault conta que:

No decorrer dos séculos que se seguiram à Antiguidade, a amizade se constituiu em uma relação social muito importante: uma relação social no interior da qual os indivíduos dispõem de uma certa liberdade, de uma certa forma de escolha (limitada, claramente), que lhes permitia também viver relações afetivas muito intensas. A amizade tinha também implicações econômicas e sociais — o indivíduo devia auxiliar seus amigos, etc. Eu penso que, no séc. XVI e no séc. XVII, foi desaparecendo esse tipo de amizade, no meio da sociedade masculina. E a amizade começa a tornar-se outra coisa. A

partir do séc. XVI, encontram-se textos que criticam explicitamente a amizade, que é considerada como algo perigoso. (FOUCAULT, 2004: 272-3)

O Estado e suas instituições disciplinares só conseguem estabelecer parâmetros de controle para aquilo que entrou no campo do nomeado e classificado. Assim, a amizade como possibilidade de acesso a uma vida criativa, programa vazio, produzindo vida-arte, arte-vida, não se deixa aprisionar nas relações amorosas e de afeto que se traduzem na lógica binária que conhecemos. Entre amigos pode-se muita coisa, inclusive trair a masculinidade, o gênero, a sexualidade, tirar sarro das identidades e suas verdades e rir de nós mesmos. Tai, na amizade cabe o riso. E o riso é revolucionário.

Entre nós, em nossos processos formativos, comportando vozes murmurantes, saberes e não saberes, afetos e territórios diversos vão se afirmando a temporalidade de nossa existência. Esses processos formativos costurados com os fios da amizade é o que tem nos permitido seguir nossos cruzos aprendentes, acriançando-nos a problematizar o que temos feito de nós nas tramas da vida com a docência. É nesse caminho que nos lembramos de Manoel de Barros.

*No quintal a gente gostava de brincar com palavras
mais do que de bicicleta.
Principalmente porque ninguém possuía bicicleta.
A gente brincava de palavras descomparadas. Tipo assim:
O céu tem três letras
O sol tem três letras
O inseto é maior.
O que parecia um despropósito
Para nós não era despropósito.
Porque o inseto tem seis letras e o sol só tem três
Logo o inseto é maior. (Aqui entrava a lógica?)
Meu irmão que era estudado falou que lógica que nada
Isso é um sofisma. A gente boiou no sofisma.
Ele disse que sofisma é risco n'água. Entendemos tudo.
Depois Cipriano falou:
Mais alto do que eu só Deus e os passarinhos.
A dúvida era saber se Deus também avoava
Ou se Ele está em toda parte como a mãe ensinava.
Cipriano era um indiozinho guató que aparecia no
quintal, nosso amigo. Ele obedecia a desordem.
Nisso apareceu meu avô.
Ele estava diferente e até jovial.
Contou-nos que tinha trocado o Ocaso dele por duas andorinhas.
A gente ficou admirado daquela troca.
Mas não chegamos a ver as andorinhas.
Outro dia a gente destampamos a cabeça de Cipriano.
Lá dentro só tinha árvore, árvore e árvore
Nenhuma ideia sequer.
Falaram que ele tinha predominâncias vegetais do que platônicas.
Isso era.*

Memórias inventadas para crianças, de Manoel de Barros

Com Manoel Barros vamos suspendendo as palavras despropositadas. Como Cipriano, obedecemos a desordem para com ela aprender e produzir os sentidos de nossos fazeres. As vozes coabitam os espaços da escrita e elas se encontram nas palavras descomparadas dando vazão às insurgências cotidianas. A escrita dos acontecimentos nos *espaçostempos* das experiências despertou outros olhares e maneiras de tecer e sentir a existência.

Referências

- BROOK, Peter. *O ponto de mudança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- DELEUZE, Gilles. *Kafka: Pour une littérature mineure*. Paris: Éditions de Minuit, 1975.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade*. *Verve*, 5: 260-277, 2004.
- NAJMANOVICK, Denise. *O sujeito encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.
- PELLEJERO, Eduardo. Literatura e fabulação: Deleuze e a política da expressão. *Polymatheia, Revista de Filosofia*, IV (5): 61-78, 2008.
- RODRIGUES, Alexsandro. *Sexualidade(s) e currículo(s): práticas cotidianas que nos atravessam produzindo experiências*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.
- VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e Educação*. BH: Autêntica Editora, 2011.